

Revolução e Revolta

Revolution and Revolt

Siloe Cristina do Nascimento Erculino*

Recebido em:07/2013

Aprovado em:10/2015

Resumo: Pretendemos analisar neste trabalho as obras *A náusea* de Sartre a luz de *O Ser e o Nada* e *O estrangeiro* de Camus a partir de *O mito de Sísifo* e *O homem Revoltado*. Veremos que nos dois romances está presente a falta de sentido do mundo, porém, a partir de cada um deles, são elaboradas diferentes formas de compreender a ética e os valores. Para Camus o mundo não tem sentido, por isso todas as experiências se equivalem e o que importa é viver mais quantitativamente, assim, a vida é o valor metafísico acima da história pelo qual o homem se revolta; enquanto que, para Sartre, o mundo não tem sentido em si, é homem em sua liberdade que projeta fins e cria valores inseridos na história, deste modo, ele busca mudanças concretas com a revolução.

Palavras-Chave: Náusea, Absurdo, Revolução, Revolta, Liberdade

Abstract: We intend to analyze in this work the works: *Nausea* by Sartre in light of *Being and Nothingness* and *The Stranger* by Camus, as from *The Myth of Sisyphus* and *The Rebel*. We will see that in the two novels is present lack of sense of the world, however, as from each of them, are prepared different ways of understanding the ethics and values. For Camus, the world has no meaning, so all experiences are equal and what matters is to live more quantitatively, thus, life is the metaphysical value above history whereby man revolts; while for Sartre, the world has no meaning in itself, is man in his freedom, which projects purposes and creates values entered in history, thus he seeks concrete changes with the revolution.

Keywords: Nausea, Absurd, Revolution, Revolt, Freedom.

Introdução

*Licenciada em Filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFES e bolsista pela FAPES.

Problemata: R. Intern. Fil. v.6, n. 3(2015), p 353-377 ISSN 2236-8612
doi:[HTTP://dx.doi.org/10.7443/problemata.v6i3.16329](http://dx.doi.org/10.7443/problemata.v6i3.16329)

As obras *A Náusea* de Sartre e *O Estrangeiro* de Camus são romances que de início assemelham-se, pois retratam homens jogados no absurdo da existência, lidando com a falta de sentido. Em *O Mito de Sísifo* Camus afirma: “essa “náusea”, como lhe chama um autor dos nossos dias, é também o absurdo.” (CAMUS, 1985, p. 26) Ele afirma então, que a náusea sentida por Roquentin, e o absurdo vivido por Meursault, são sentimentos diante da mesma descoberta, mas os dois romances possuem aspectos literários e compreensões filosóficas distintas, ideias que tentaremos apontar nesse texto.

A narrativa, por exemplo, em ambos ocorre pelo próprio personagem, porém em Camus ela é curta e desconexa dando a impressão de que cada pensamento ou situação surge ao acaso, enquanto que, em Sartre, o personagem encadeia e relaciona os acontecimentos. Se ambos os romances retratam homens conscientes da falta de sentido do real, a reação que se tem diante dessa compreensão é diferente: Meursault encontra-se lançado no absurdo – divórcio entre homem e mundo –, não o questiona, não o lamenta: ele vive; já Roquentin descobre a injustificabilidade da existência em passos lentos, acompanhados da náusea – sensação da consciência refletida da contingência – e da tentativa de fugir dessa consciência tão clara e lúcida da realidade. Roquentin é um eterno atormentado por suas próprias reflexões, sua angústia o oprime, já Meursault não possui conflitos internos e se apraz em tomar um banho de mar ou se dourar ao sol.

Em meio às histórias concretas dos indivíduos representados nos romances existe certa compreensão ética que é distinta para os dois filósofos. Para explicar essas diferenças nos apoiaremos, além dos dois romances já citados, nas produções filosóficas dos autores, *O Ser e o Nada* de Sartre e *O mito de Sísifo* e *O Homem revoltado* de Camus. Como pretendemos mostrar, em *O Estrangeiro*, se o mundo não tem sentido nele mesmo, todas as ações são absurdas e se equivalem, o único valor é a vida que se dá no agora, assim, a ética da quantidade surge e o que importa é acumular experiências, sejam elas quais forem: “tudo se equivale, escrever *Os Possessos* ou tomar um café-com-creme” (SARTRE, 1968, p.122). A vida torna-se o valor, ou o *a priori* metafísico que cria uma moral. Enquanto que, em *A Náusea*, veremos que a falta de sentido do mundo gera angústia e enjoo do qual a personagem

tenta fugir buscando encadear uma necessidade no passado, ou lançando-se num projeto de tornar-se essencial no futuro – ambas tentativas condenadas ao fracasso. Roquentin percebe aos poucos que o essencial é a contingência, a existência é injustificável. O homem significa o mundo, estabelece relações entre os objetos e forja finalidades para si, porque em si ele é liberdade; assim, a liberdade é o fundamento sem fundamento dos valores.

Com isso poderemos concluir que para Camus a revolta é metafísica, ela é a exigência de um valor comum que precisa ser preservado, a saber, a vida – ela se sobrepõe a qualquer objetivo histórico. Enquanto que, para Sartre, não existe natureza humana, o homem constrói a si mesmo e a seus valores na ação, o que importa é a revolução histórica. Vejamos cada romance separadamente com mais tranquilidade, para em seguida, comparar as ideias de revolução e revolta.

A Náusea

Na obra *A Náusea* Sartre retrata um homem em sua descoberta da contingência – a ausência de necessidade da existência. Veremos de início essa descoberta e como ela é acompanhada do desconforto que Roquentin chama de náusea. Para fugir da sensação de enjôo diante da falta de sentido do mundo ele tenta encontrar um encadeamento necessário no real ou tornar-se essencial. Assim, na segunda parte dessa análise, mostraremos suas tentativas de escapar da náusea: encadear o passado, ou lançar-se numa projeção futura para tornar-se essencial.

Dessa forma, Roquentin tem um projeto para forjar uma necessidade no mundo, e se permanece a projeção – a finalidade escolhida livremente pelo homem – permanece também a valoração do real. Por isso, veremos por fim, que o homem cria sua moral, e em decorrência, está engajado diante de si mesmo e dos outros homens historicamente. A existência precede a essência significa que o homem constrói a si mesmo na ação, o que coloca certo peso na história do indivíduo. Mesmo que sua projeção de tornar-se essencial, de encontrar uma necessidade, seja fracassada, ele continua responsável diante do mundo, engajado historicamente.

Em suma, tentaremos indicar essas ideias a seguir dividindo a análise em três partes. De início mostraremos como Roquentin percebe a contingência e a gratuidade das coisas, em seguida falaremos como ele busca fugir dessa gratuidade forjando causalidade na vida de Rollebon ou tentando encontrar a salvação na arte, e por fim, tentaremos mostrar como a descoberta da liberdade e falta de natureza do homem implica a necessidade dele criar a si mesmo historicamente.

A contingência

O romance *A Náusea* é a narrativa de Roquentin. Ele acredita que existe uma estrutura do real fixada e compreendida pela linguagem, ou seja, a essência das coisas estaria determinada pela linguagem. É com essa crença, chamada espírito de seriedade, que nós vivemos a maior parte do tempo. De acordo com Leopoldo Silva:

A atitude natural serve-se das coisas, mesmo quando pretende tão-somente conhecê-las. Tudo está organizado e hierarquizado conforme as necessidades. Daí a familiaridade com as coisas e a identificação entre familiaridade e necessidade. Algo é necessário porque sempre esteve ali. Mas basta que, por alguma razão, essa familiaridade se rompa e se instale uma relação de estranhamento entre o sujeito e as coisas para que também desapareça a necessidade, aquele anteparo seguro que constituía o substrato da minha representação das coisas (SILVA, 2004, p. 49).

O existente não está submetido à linguagem, a lógica e ordenação que existe no pensamento não comportam o existente. Durante o processo de descoberta deste fato, Roquentin não entende o que está mudando, por isso tenta descrever em seu diário as experiências que ele tem para organizar as sensações e compreender o que está ocorrendo. De início ele acredita que as mudanças que percebe estão no mundo, nos objetos, já que durante a náusea as coisas não se mantinham dentro da relação utilitária já estabelecida. Ele percebe que a metamorfose sentida ocorre com a consciência que ele tem dos objetos ao decorrer da narrativa. Roquentin as percebia como demais:

Demais: era a única relação que eu podia estabelecer entre aquelas árvores, aquelas grades, aquelas pedras.

[...] Demais, o castanheiro, ali, na minha frente, um nadinha à esquerda. E eu – molenga, languido, obsceno, digerindo, misturando pensamentos sombrios – eu também era ali demais (SARTRE, 2011, p. 171)

O existente é algo que extravasa o conceito, que transborda, é *de trop*. Isso significa que o existente não tem nenhuma relação causal, nenhuma necessidade, e não cabe dentro de um conceito. Este mundo ordenado que vivenciamos no dia-a-dia é um sistema de relações já construídas e fixadas, porém as coisas em si não possuem sentido. Roquentin percebe junto com a contingência do mundo a gratuidade da sua existência. “O essencial é a contingência. [...] Tudo é gratuito: esse jardim, essa cidade e eu próprio.” (SARTRE, 2011, p. 175). É isso o que importa para nós aqui: a falta de sentido do mundo e a liberdade humana. O mundo é imprevisível, perde-se a segurança que a atitude natural com as coisas sustentava. O homem vê que ele é responsável por si e pela relação que estabelece com as coisas, porém ele mesmo não tem nenhum fundamento, sua existência também é gratuita.

A percepção clara do mundo como massa informe e do sujeito como *existente* se dá gradativamente. E durante todo o livro Roquentin tenta fugir dessa revelação do ser. Ele não quer a si mesmo como gratuidade injustificável, ele quer encontrar um fundamento. Por isso, veremos como ele tenta fugir da gratuidade agarrando o tempo pelo rabo ou buscando a salvação na arte, para em seguida, pensar como a liberdade faz do homem criador de valor e um ser histórico.

As tentativas de fugir da náusea

O personagem vive sozinho, frequenta o café Mably e a biblioteca onde desenvolve uma tese sobre Marques de Rollebon. Sua pesquisa dedica-se a remontar a vida dele, isto é, encontrar fatos, informações e dados sobre o Marquês de Rollebon e encadeá-los em certa lógica. Mais que isso, o que Roquentin buscava era entender o porquê das ações do Marquês; mas, percebe que ele já está morto, tudo o que sobra são documentos e referências.

Trata-se de hipóteses honestas que explicam os fatos: mas sinto tão claramente que provem de mim, que são unicamente uma maneira de unificar os meus conhecimentos.

[...] os fatos se acomodam ao rigor da ordem que quero lhes dar, mas o marquês permanece-lhes exterior. Tenho a impressão de fazer um trabalho puramente imaginativo. Além do mais, estou convencido de que personagens de romance pareceriam mais verdadeiros. Seriam pelo menos mais agradáveis. (SARTRE, 2011, p. 28)

A produção de uma biografia se dá de forma diferente que a de uma narrativa. É preciso, antes de continuar nosso texto, ressaltar a diferença entre a relação de *causalidade*, que ele busca em suas pesquisas, e de *finalismo*, que ele colocaria no romance. O determinismo é quando uma causa anterior gera certo efeito. O finalismo é quando pelo posicionamento prévio de um fim, o passado ou o presente é iluminado como motivo, para que esse fim seja realizado.

Enquanto o determinismo pode ser definido como: dado tal fenômeno, um outro deverá seguir-se necessariamente, com o passado determinando o futuro, o finalismo (ou fatalismo) pode ser definido como: tal acontecimento deverá dar-se e é esse acontecimento que determina a série que conduzirá até ele – é o futuro que indica o presente. (SOUZA, 2008, p. 132)

O *determinismo* ou *causalidade* existe nos objetos. “Para o comportamento puramente mecânico, a quebra de proteínas, por exemplo”. (DANTO, 1993, p.103) O que Roquentin deseja – ao tentar remontar a vida do Marquês de Rollebon – é justificar a existência dele e encontrar certa causalidade no passado, de forma mecânica como há nos objetos, o que não existe. Rollebon era um homem, logo, era livre e nenhuma de suas ações foi determinada pelos acontecimentos, pelo contrário, ele era o único responsável por significar os fatos; com a sua morte sobram apenas uma série de dados, referências e documentos, mas a significação e os motivos se perdem. Roquentin percebe isso e se irrita com o personagem histórico que não lhe deixa nenhuma certeza sobre sua vida, apenas uma série de fatos desconexos que ele próprio estabelece relações e significa. Ou seja, é Roquentin que reinventa o personagem para alienar sua existência, mas o Marquês lhe escapa – o que ele apreende é um objeto imaginário. Rollebon espanta a náusea, pois ele é um ser que escapa à contingência: ele existiu e morreu, seu ser foi fechado.

Ao abandonar esse projeto, Roquentin pensa que seria melhor escrever um romance. Nas obras literárias existe um *finalismo* que é colocado pelo próprio autor. O mesmo ocorre na aventura, pois esta existe a partir do momento em que alguém ordenou uma série de fatos para chegar a um fim; na aventura o final já está posto, enquanto que, no momento em que se vive, qualquer evento pode acontecer, no real, a contingência torna o próximo acontecimento imprevisível, fora de controle – esta é a diferença entre narrativa e história. O que Roquentin deseja é se alienar na arte, fugir da contingência criando a necessidade, mas o finalismo presente na arte também implica a liberdade, tanto para sua criação, quanto para o reconhecimento de que existe ali certo finalismo¹.

Sinto tanta felicidade quando uma Negra canta: que pináculos não atingiria, se minha própria vida constituísse a matéria da melodia! [...] “Pois bem, é precisamente isso que você nunca teve (lembre-se: você se iludia com palavras, chamava de aventura ouropéis de viagem, amores de prostitutas, brigas, quinquilharias) e não terá jamais – nem você, nem ninguém” Mas por quê? (SARTRE, 2011, p. 58-59)

A melodia que a negra canta é *Some of these days*. Ela é tocada no café e dissipa em Roquentin a sensação da náusea. Isso porque a música não se encontra no mesmo plano do que a existência: a música é. Existe nela uma necessidade e rigor em cada nota, porque ela é do jeito que foi criada pelo artista. Um arranhão no disco ou a destruição dele não afeta a música, pois ela escapa a contingência. Por isso ela espanta a náusea e por alguns momentos a música o faz ignorar a contingência do existente.

ELA é. E também eu quis *ser*. Alias, só quis isso; eis a chave de minha vida: no fundo de todas essas tentativas que parecem desvinculadas, encontro o mesmo desejo: expulsar a existência para fora de mim [...]. (SARTRE, 2011, p. 230)

Seja em busca de aventura, pesquisar a vida de Rollebon ou escrever um romance, em todas essas atividades o que Roquentin busca é fugir da contingência. E também por esse motivo ele deseja escrever um romance, para encontrar a salvação na arte. A salvação seria conseguir escapar da

gratuidade, produzindo algo que é (assim como a música é). Seria negar a contingência e escapar dela criando algo que tenha rigor, que seja essencial, e assim, livrar-se da gratuidade da existência. Para Roquentin, ao escrever um livro, ele iria criar um ser necessário, que já não se encontra no real. Porém a arte não salva, e em diversos momentos ele demonstra ter consciência disso: “aprendi que sempre se perde, só os salafários pensam que ganham.” (SARTRE, 2011, p. 208) e “Pensar que há imbecis que tiram consolo das belas-artes.” (SARTRE, 2011, p. 228). Para criar é preciso ser livre, logo, sem necessidade e contingente. O homem não pode encontrar um fundamento nem na vida, nem na arte.

Como já colocamos, o desejo de tornar-se essencial fracassa. O homem é absoluta liberdade, e não pode encontrar um fundamento nem na arte, nem na vida. Ele permanece como fuga de si, sem essência, sem natureza, e por isso, precisa fazer-se na ação. Deste modo, Sartre revela na narrativa um conceito presente em sua filosofia. Ele troca o *ser do homem* pelo *fazer-se*. Não existe *a priori* metafísico, o que existem são homens em situação que constroem seus valores livremente. É isso o que tentaremos mostrar na próxima parte, revelando que, se a existência precede a essência, o homem faz a si mesmo historicamente, e cria, com suas ações, uma imagem de homem, tornando-se responsável por si mesmo e por toda humanidade.

O Engajamento

O homem não possui natureza que determine seu comportamento, ele se faz e constrói a si mesmo historicamente por meio de suas ações. O homem não possui fins nem necessidades: ele é livre projeção de si. A projeção humana faz com que os atos ou fatos tenham valores diferentes, que foram atribuídos pelo homem a partir de sua escolha original. Mas não devemos entender aqui que ocorreu uma escolha de si, numa data histórica, e a partir de então o homem escolhe-se baseado nesse projeto. O projeto original só existe na medida em que o homem o constrói (ele se faz fazendo-se). E é essa uma das principais razões da náusea: o homem percebe que não é, ele existe, precisa fazer-se na ação. Da mesma forma, o projeto se constrói em cada escolha, onde o homem *escolhe um estilo de*

escolha. “Em cada escolha eu integro todas as escolhas anteriores numa totalidade” (DANTO, 1993, p. 109)

Por meio de suas ações e projeto o homem cria seus valores, e sua existência é responsável pelo que faz de si perante a humanidade. Assim, o valor reclama um fundamento, que é a liberdade. Mas se cada homem cria seus valores e não existe nenhum *a priori* metafísico que defina seu comportamento, não existem princípios éticos. Isso não significa cair no relativismo ou individualismo. A solidariedade e o absoluto se revelam na medida em que ao escolher, escolho uma imagem de homem por toda humanidade. E em decorrência, nos parece que, quando crio uma imagem de homem no mundo:

essa escala de valores não tem mais base objetiva – se ele está certo – do que os valores de seus oponentes: os opressores, os ditadores, os torturadores, os exploradores. (DANTO, 1993, p. 115).

A liberdade é o fundamento sem fundamento de todos os valores. E se é por meio dela e a partir dela que posso criar uma moral, ela se torna o único valor. Na origem do ato está a liberdade que se dá em situação perante outros homens, ou seja, outras liberdades; ao me reconhecer como livre reconheço também as outras liberdades. Assim, mesmo que a ontologia fenomenológica não possa elaborar princípios éticos, e a liberdade não possa reclamar um fundamento objetivo do valor, a própria liberdade reclamará o fim da tortura, da ditadura e da opressão.² “[...] na medida em que não há reconhecimento de que o outro é livre, gera-se a opressão, a luta, o fracasso e a violência.” (SILVA, 2010, p.106)

A liberdade só existe situada. Vive-se dentro dos limites do que é humano, que só existe historicamente. Assim, ao colocar a liberdade como fundamento sem fundamento dos valores e o homem projeção de si responsável por suas ações, Sartre estabelece a primazia da história sobre quaisquer valores metafísicos. Segundo Silva, *a ordem humana é histórica*: “Por isso é o comprometimento histórico que está em jogo quando perguntamos como é possível fazer-se homem na história.” (Silva, 2004, p. 17-18)

Mostramos até aqui, a partir da análise da obra *A Náusea*, sob a luz de *O Ser e o Nada*, que o homem é, para Sartre, absoluta liberdade; sua existência cria sua essência, por isso, o valor humano é criado em situação. É o homem quem dá sentido

ao mundo, relaciona os objetos e os organiza à sua volta. Sua existência, assim como do mundo, é contingente, não existe nenhuma necessidade ou fundamento que determine suas ações. Ele é livre e construirá a si mesmo, sem natureza humana ou valores metafísicos, em situação. Por isso, o homem é responsável por suas ações, e quando age, cria uma imagem de homem perante toda a humanidade – a isto Sartre chama engajamento. O homem é responsável pelo que fez de si e pelos valores que criou, mais que isso, ele é responsável também por sua situação. É certo que o homem é incapaz de determinar se uma guerra ocorrerá ou se a economia entrará em crise, porém, diante dessa situação, o homem é convocado a assumir uma posição, a tomar uma decisão. É o que tentaremos mostrar, ao final da análise da obra *O Estrangeiro*, comparando a ideia de revolução e revolta. Veremos que a existência humana é histórica e o homem é responsável pela sua situação concreta; dessa forma, ele é capaz de buscar melhorias reais à sua volta, de revoltar-se contra injustiças sociais e aderir a um partido, ou movimento revolucionário, buscando um fim em comum para a sociedade. Mas antes, precisamos estruturar o pensamento Camusiano, no qual o homem revolta-se contra os deuses e tem como limite da ação o valor metafísico que é a vida. O ideal do homem revoltado é a unidade entre os homens, e esse ideal está acima da história.

O Estrangeiro

Meursault, em *O Estrangeiro*, encontra-se feliz e confortável no cenário desabado, sem perspectivas, sem instituições sociais e sem encontrar um sentido no real. Camus descreve um homem, já lançado no absurdo, que vive o *agora* sem lamentar o passado, nem projetar o futuro. Sem a projeção tudo se equivale e o que prevalece é a ética da quantidade: acumular experiências é tudo o que importa. É o que tentaremos mostrar na parte *O sentimento do absurdo e a ética da equivalência*. Diante da morte da mãe, de uma proposta de casamento, mudança no emprego, violência, prisão, as reações de Meursault são sempre indiferentes: *tanto faz, é natural, nada muda*.

Ele não possui arrependimentos, nem esperanças, quando questionado sobre o que gostaria se pudesse ter outra vida, sua

resposta é simples: *uma vida na qual eu possa lembrar dessa*³. A vida, não importa sob quais condições históricas, é um valor. É nessa ausência de sentido em que vivemos, e se negamos ao suicídio, devemos também negar ao assassinato para que o outro também possa permanecer no absurdo. É na obra *O Mito de Sísifo* que Camus vai clarear a noção do sentimento do absurdo, o divórcio entre homem e mundo, no qual o homem grita por uma finalidade ou sentido e o mundo responde com o silêncio. Mas, Meursault não comenta a noção do absurdo dessa forma tão clara, seu comportamento revela o *sentimento do absurdo*. O sentimento do absurdo funda a noção do absurdo e será na segunda parte que iremos descrever essa noção, revelando o comportamento de Meursault na prisão e o aumento de suas reflexões que culmina em um ataque de cólera.

Só existe vida humana no absurdo, e se a vida é um valor, é preciso abraçar o absurdo. Essa tensão na qual todo homem vive, que torna todos iguais, vai constituir para Camus um *a priori* ou *natureza*, que constitui a base metafísica para colocar uma regra ou norma moral. Todos os homens encontram-se na mesma condição, porém a igualdade entre os homens, instituída metafisicamente, não corresponde ao real, é nesse momento que ocorre a revolta. A revolta do escravo, do torturado e do oprimido é, antes de tudo, para Camus, a revolta metafísica para que os homens sejam reconhecidos como iguais, e esta nunca será superada; a revolta histórica é apenas um pretexto. Por isso, para Camus a contra-violência não é adequada, pois atinge o ideal que se busca, isto é, já que o valor é a vida e a igualdade, não se deve matar ou usar de violência. Essas ideias constituirão a terceira parte, *A Revolta*, onde fecharemos as análises sobre *O Estrangeiro*. E, apresentaremos depois dessa exposição, como consideração final, uma breve comparação entre a noção de revolta e revolução, onde concluiremos nosso trabalho.

O sentimento do absurdo e a ética da equivalência

Na obra *O Estrangeiro* a narrativa é formulada de forma descontínua: as frases curtas surgem sem elementos de ligação que indiquem causalidade ou consequência. De um lado, ela mostra o absurdo e a falta de sentido, pois nada é explicado, de outro, revela Meursault inteiramente voltado para o presente, mergulhado no agora (já que não existe esperança e a única

certeza é a morte). Na primeira parte do romance é relatado o enterro de sua mãe, seu relacionamento com Marie, o início de sua amizade com Raymond e o assassinato de um árabe na praia. Na segunda parte é narrado seu comportamento na prisão, seu julgamento e morte. Na primeira parte ainda, nota-se o comportamento simples da rotina em que Meursault vive e é feliz, no segundo momento é tratada a forma como ele se comporta sem sua liberdade na prisão e como encara a morte; a principal diferença nesses dois momentos é que até o assassinato do árabe, Meursault simplesmente vivia sem refletir, ao passo que, na prisão, ele começa a refletir o que termina, por fim, em um ataque de cólera. Podemos comentar três situações que revelam a falta de sentido: o comportamento de Meursault frente à morte de sua mãe, seu relacionamento com Marie e seu trabalho.

A indiferença à morte da mãe é clara. No enterro de sua mãe ele não chora, não se lembra de sua idade, hesita em ver seu rosto no caixão, e aceita tomar um café com leite e fumar um cigarro. Fatos que ganharão muito peso em seu julgamento. Meursault afirma que a mandou pra lá porque não tinha como mantê-la. Não a visitava, pois teria que gastar o domingo (dia que ele não gosta) e duas horas de viagem para ir vê-la. Mas pensava que ela iria se habituar lá, já que o homem acostuma-se a tudo. Ao final do enterro, sente-se aliviado em poder voltar pra casa e dormir por várias horas. É evidente que embora ele participe do ritual social de ir ao enterro e carregar o caixão, Meursault porta-se nessas situações como se elas não estivessem impregnadas de uma carga de significação e emoção pra ele: ele enterra sua mãe da mesma forma que toma o café com leite.

No outro dia ele vai tomar um banho de mar onde encontra Marie, mais tarde vão ao cinema assistir uma comédia e se beijam. Não existe luto pela morte da mãe, Meursault retoma a vida sem refletir no que aconteceu, sem se lamentar. Eles continuam se encontrando e seu sentimento por Marie parece ser momentâneo: ela sorri e está com um vestido bonito, então ele a deseja. Mas, quando Marie⁴ lhe pergunta se a ama, ele diz que *isso não tem importância*, e que lhe parece que não. O mesmo tipo de resposta é dada quando Marie lhe pergunta sobre casamento, ele responde que se ela quisessem eles poderiam sim se casar, mas que isso não tem importância, e se outra moça pedisse, ele casaria provavelmente. Com essa mesma indiferença ele trata uma oferta de trabalho em Paris. Ao

declinar a oferta Meursault afirma que não se muda de vida nunca, e que trabalhar aqui ou lá não faz diferença.

Isso mostra que para Meursault todas essas experiências se equivalem e nenhuma tem importância. Para Camus, não importam as condições sociais e históricas, homens da mesma idade terão vivido o mesmo número de experiências. Já que a qualidade é o mesmo que quantidade, então a vida de todo homem tem o mesmo valor e a mesma importância.

Seu trabalho durante toda a semana possui pouca menção durante a narrativa, ganha espaço suas atividades de lazer como ir à praia, tomar sol, mergulhar no mar. Dentro desse mundo absurdo ele vive certa ligação com a natureza. Isso porque Camus coloca grande valor na relação que o homem estabelece com o mundo; o homem absurdo sente-se feliz com a vida simples. “A sensibilidade não autoriza buscar mais do que o mundo e mais do que esta vida. Há um desejo de ser feliz e toda a felicidade está neste despojamento na própria natureza.” (GUIMARÃES, 1971, p.27) Debaixo do sol todos os homens são iguais, isto é, o contato com o mundo é realizado por todos os homens igualmente, não importam suas condições históricas ou sociais. Nós voltaremos a tratar da unidade e igualdade entre os homens na parte sobre *A Revolta*.

Em várias cenas o personagem tem identificação corporal e emocional com o sol. Em algumas em algumas cenas o sol o fez sentir-se bem, aquecendo seus pés, porém, também o fez matar o árabe na praia. No momento do assassinato ele descreve que uma *chuva de fogo* abriu os céus e o mar era um *oceano de metal fervilhante*. Durante seu julgamento, Meursault afirma que “a minha natureza era feita de tal modo que os meus impulsos físicos perturbavam frequentemente os meus sentimentos.” (CAMUS, 1991, p.69)

Mas, ainda que exista certa correlação entre as ações de Meursault e a natureza, esta não é o suficiente para explicar seus atos. Quando questionado no tribunal sobre o motivo de ter matado, Meursault diz: “por causa do sol”. Porém, o assassinato do árabe é cometido sem razão real e deixado sem explicação. Ele disparou o primeiro tiro porque o reflexo da faca do árabe atingiu seu rosto como uma *lâmina fulgurante*; porém, ele disparou ainda mais quatro tiros num corpo inerte sem nenhuma razão.

O equilíbrio de sua vida pacata é quebrado, ele é preso e condenado à morte. Com isso, fica evidente o finalismo

existente na obra, pois, ainda que ele não tenha antecedentes criminais e seu crime não fora planejado, Meursault é tratado com rigorosidade. Ele é acusado não de matar um homem acidentalmente, mas de enterrar sua mãe com o coração de mentiroso, e pela indiferença que dispensou à morte da sua mãe é visto como um monstro.

Mas, Meursault porta-se diante do próprio julgamento da mesma forma como lidou com os outros acontecimentos: indiferente. Meursault é autêntico diante da sociedade e de si. Não finge sentimentos, recusa-se a mentir e não tenta forjar um sentido para seus atos ou sua vida. Essa indiferença ao resultado da situação o leva a dizer sempre a verdade com uma honestidade quase ingênua: Meursault recusa-se a mentir para mudar o seu destino.

Existe uma oscilação entre indiferença e inocência em seu julgamento. Ele se desliga do processo que estava ocorrendo por causa do calor, e se limita a concordar com a fala do advogado sem prestar muita atenção – o que revela a indiferença ao resultado da acusação. E conversando com seu advogado, Meursault questiona qual a relação existente entre o enterro de sua mãe e o assassinato de um homem, sem demonstrar entender a forma como essas informações seriam concatenadas pelo tribunal que iria julgá-lo. Ele não se arrepende do crime, não se sente culpado pela forma como se portou no enterro de sua mãe. Ele também não tenta se eximir das consequências ou fugir do tribunal: ele aceita seu destino. “o homem absurdo, jogado neste mundo, revoltado, irresponsável, não tem “nada a justificar”. Ele é inocente.” (SARTRE, 1968, p.120) Como Camus descreve em *O Mito de Sísifo*, o homem absurdo não é culpado, ele é responsável, e enfrenta com a serenidade as consequências de seus atos, “pronto a pagar” (CAMUS, 1985, p. 87).

A noção do absurdo e vida como valor

Na prisão Meursault se lembra de dois pensamentos de sua mãe: aos poucos se acostuma a tudo e nunca se é inteiramente infeliz. E ele se habituou à rotina da prisão e aos encontros com o juiz, dormindo entre 16 e 18 horas por dia e lembrando-se de detalhes em sua casa ou seu passado. Assim, houve aqui uma mudança, já que na primeira parte ele dedicava-se inteiramente às atividades e ao lazer sem pensar muito, enquanto que na

prisão, ele começou a imaginar, usar a memória e a refletir. Meursault menciona, várias vezes no texto, os atos de comer, fumar e dormir, o que faz referência a existência maquinal relatada em *o Mito de Sísifo*. Mas chega um momento em que o cenário desmorona, e para Meursault isso ocorreu na segunda parte da obra frente à certeza da morte. Como resultado do aumento de suas reflexões e consciência da morte, Meursault é tomado, por fim, pela revolta. Porém, a morte não precisa ser decretada em um julgamento, tampouco a pessoa precisa passar por uma crise existencial ou iniciação filosófica, a morte é a única certeza que o homem tem e essa lucidez pode acontecer a um carteiro trabalhando. “O sentimento do absurdo pode esbofetear qualquer homem à esquina de qualquer rua”. (CAMUS, 1985, p.22)

[...] certo da minha vida e desta morte que se aproximava. Sim, não sabia mais nada do que isto. Mas ao menos segurava esta verdade, tanto como esta verdade me segurava a mim. [...] Vivera de uma dada maneira e poderia ter vivido de outra dada maneira. Fizera isto e não fizera aquilo. Não fizera uma coisa e fizera outra. [...] Nada, nada tinha importância e eu sabia bem porquê. [...] (CAMUS, 1991, p.120-121)

Casar-se, mudar, matar alguém, arranjar outro emprego, tudo se equivale para Meursault. A projeção humana, ou finalidade, não está presente em Camus da mesma forma que existe em Sartre. Como já explicamos, para Sartre o homem é um existente livre; ele projeta a si mesmo e, dessa forma, cria valores na ação. Para Camus criar uma finalidade - a partir da qual o homem daria sentido a sua vida - é tornar-se escravo da liberdade, já que, aparece junto com o fim inventado uma série de exigências para atingi-lo. Se eu crio um fim que dará sentido à vida, “crio barreiras dentro das quais a encerro” (CAMUS, 1985, p.74). Além disso, a morte interrompe todas as projeções da liberdade, e com ela o sentido inventado. O homem absurdo não inventa fins, ele vive no universo sem sentido que mantém o absurdo, por isso não há exigências nem valores: todas as experiências se equivalem, embora elas sejam diferentes. Os juízos de valor são excluídos, permanece só a vida. Assim, como veremos, se o absurdo torna quaisquer experiências como mais um acontecimento, não significa que o assassinato e o suicídio são bem vindos, de outro modo, só existe absurdo na vida, e é

preciso continuar vivendo, confrontando o absurdo (que se dá na tensão entre homem e mundo). Porque nenhum desses fatos tem importância? Porque a vida é o único valor.

Meursault recusou-se a receber o capelão por três vezes em sua cela, até que o padre foi falar com ele sem a sua permissão. O capelão insiste na necessidade de se acreditar em Deus, em outra vida, em ter esperança, e Meursault recusa todas essas ilusões: “Não tem então nenhuma esperança e consegue viver com o pensamento de que vai morrer inteiramente?” “Sim”, respondi eu.” (CAMUS, 1991, p.117) Ele não espera mudanças nem nessa vida, nem em outra vida: ele abraça toda a sua existência. Quando questionado se pudesse desejar outra vida, como ele a queria, Meursault responde: “uma vida em que eu possa lembrar dessa”. (CAMUS, 1991, p.120) Como explicaremos nas próximas páginas, diante do cenário desmoronado, o homem absurdo, nem se suicida, nem se mata filosoficamente - se o que sobrou foi o agora: vive-se. O homem absurdo recusa a religião ou a crença em Deus, ele não precisa de esperanças. Desejar outra vida além dessa seria uma forma de alienar-se, ou seja, cometer o suicídio filosófico para fugir do real – o que é, para Camus, desonesto.

Por isso, Meursault, em sua sensibilidade absurda, continua a negar a Deus. Ele afirma que seu tempo era curto e não queria desperdiçá-lo com isso. Ele é feliz com a vida que leva e mesmo diante da morte não busca alienar-se ou ter esperança. Com a insistência do Capelão, Meursault, tomado pela cólera, agarra-o pelo pescoço e grita:

[...] *esse sopro igualava na sua passagem tudo o que me propunham nos anos, não mais reais, em que eu vivia. Que me importava a morte dos outros, o amor de uma mãe, que me importava o seu Deus, as vidas que se escolhem, os destinos que se elegem já que um só destino podia eleger-me a mim próprio e, comigo, milhares de privilegiados que, diziam como ele, ser meus irmãos? Compreendia, compreendia o que eu queria dizer? Toda a gente era privilegiada. Só havia privilegiados. Também os outros seriam um dia condenados* (CAMUS, 1991, p.121)

Até aqui Meursault falava pouco, era visto pelos outros como um homem de poucas palavras e afirmava que não tinha nada de importante a acrescentar. Esta atitude, o silêncio, pertence ao sentimento do absurdo, que não deseja nem

significa. Falar é significar, e até aqui tudo permanece sem sentido. Com a revolta Meursault grita, subitamente descobre o absurdo. Em sua cólera ele percebe que é nessa tenra indiferença do mundo, e só a partir dela, que se é feliz. Só se é feliz vivendo, e a vida se dá no absurdo. É na frieza, na indiferença e no silêncio do mundo que ele quer viver. Esse é seu grito, que contém também a igualdade entre os homens. Ser privilegiado é, para o homem absurdo, ser equivalente. (Cf. CAMUS, 1985, p.60). Porém, Meursault permanece na sensibilidade absurda que só permite atingir o sim, a afirmação da vida - sua lucidez não atingiu a clareza da noção do absurdo nem da revolta. É o que mostra esse trecho pouco antes de sua morte, em que ele finalmente entende o valor da vida:

Tão perto da morte, a minha mãe deve ter-se sentido libertada e pronta a tudo reviver. Ninguém, ninguém tinha o direito de chorar sobre ela. Também eu me sinto pronto a tudo reviver. Como se esta grande cólera me tivesse limpo do mal, esvaziado da esperança, diante desta noite carregada de sinais e de estrelas, eu abria-me pela primeira vez à terna indiferença do mundo (CAMUS, 1991, p.122)

Agora, após a exposição da sensibilidade absurda narrada por Meursault, trataremos da noção do absurdo, a qual ele começa a atingir. Já falamos que o absurdo é o divórcio entre o homem e o mundo, tentaremos mostrar que ele é o desejo de respostas e de unidade do homem que só encontra a tenra indiferença do mundo. O sentimento do absurdo, o qual tentamos indicar pela vida de Meursault, funda a noção do absurdo. Em *O Mito de Sísifo* Camus explica o que é a noção do absurdo. Seleccionamos aqui duas passagens para defini-la. O absurdo é “[...] o meu apetite de absoluto e unidade e a irredutibilidade deste mundo a um princípio racional e razoável.” (CAMUS, 1985, p.66)

Quero que tudo me seja explicado, ou então coisa nenhuma. E a razão é impotente ante este grito da alma. (...) Neste ponto do seu esforço, o homem encontra-se ante o irracional. Sente nele o seu desejo de felicidade e de razão. O absurdo nasce deste confronto entre o chamamento humano e o desrazoável silêncio do mundo. (CAMUS, 1985, p. 40)

O absurdo assim, só existe no conflito entre homem e mundo; se nos conformarmos com o silêncio do mundo ou

criarmos esperanças o absurdo perderá o sentido. A grandeza do homem se alimenta da tensão. O homem existe *no* absurdo *contra* o absurdo. A esperança é uma tentativa de se esquivar que enfraquece a tensão. Para Camus, os filósofos existencialistas chegaram até a noção do absurdo e dela se esquivaram pelo suicídio filosófico. (Cf. CAMUS, 1985, p.46) Para conservar o absurdo, a exigência do homem e seu desejo de unidade não podem ser suprimidos, por isso, é preciso permanecer com as feridas abertas⁵. (Cf. CAMUS, 1985, p. 65)

Meursault permaneceu no estado absurdo, na ética da quantidade onde o *sim* à vida é afirmado incondicionalmente. Faltou-lhe atingir o estágio (que começa a alcançar no fim do livro) em que encontra o *não* como limite que nega a morte. O que importa é acumular experiências, assim o suicídio é recusado. O raciocínio absurdo seria falso se servisse só para um homem e não para todos igualmente, assim, ele é estendido ao outro, o que leva a recusa do assassinato. Seria contraditório “preservar a vida daquele que fala e aceitar o sacrifício dos outros” (CAMUS, 1951, p.17).

Ironicamente, Meursault é a própria afirmação e *sim* à vida, mas sem compreender os limites do *não*, da imposição de limites, mata um homem acidentalmente, enquanto que a sociedade em nome do *não* e da imposição de limites mata um homem premeditada e friamente. O tribunal é, na narrativa, um sistema racional que justifica a morte e transforma assassinos em juízes. Por isso, ao terminar a leitura de *O Estrangeiro*, podemos perguntar: quem é o monstro que, ao enterrar um homem, tinha o coração de um criminoso?

Tentaremos explicitar essas ideias na próxima parte, a saber, como a moral que surge na revolta coloca a vida como valor acima de qualquer situação histórica e o que é a tensão elaborada por Camus entre o *sim* e o *não*.

A revolta

No absurdo tudo é possível e nada tem importância, já na revolta existe algo que é importante: a vida. Ela se torna o *a priori* metafísico que cria a moral. A revolta “é a afirmação de uma natureza comum a todos os homens.” (CAMUS, 1951, p.336) Para Camus, é preciso manter o aspecto metafísico, pois para ele a violência é gerada quando o homem diviniza a história

e a coloca acima do próprio homem. O que isso significa? Significa que Camus acredita na necessidade de existir algo anterior à história concreta que coloque certo limite ao comportamento; neste caso, a vida.

A vida se torna o valor que deve se afirmar com o sim, e a exploração, a escravidão, a tortura e a violência vão contra o valor, por isso precisa ser negado, colocando o limite do não. Se me revolto pela vida como valor afirmativo, nenhuma de minhas ações pode passar desse limite, pois seria contraditório e perderia sua razão. “A demonstração espetacular do fato foi-nos fornecida pelo apocalipse hitleriano de 1945.” (CAMUS, 1951, p. 16) Assim, a vida - ou *a priori* metafísico - é superior à história do indivíduo e da sociedade. Nenhum tipo de violência, que só ocorre no concreto, não importa quais fins ela projete, pode ser justificado.

“O problema da morte é o próprio problema do mal, ela é a injustiça fundamental.” (GUIMARÃES, 1971, p. 38) A consciência da morte leva a uma transformação na forma como o homem se vê, pois ele compreende seu trágico destino e o de todos os homens. Esta lucidez o permite ver a condição humana que para além da injustiça social, vê o desejo de unidade e igualdade entre os homens. Essa consciência é atingida pela reflexão na revolta. O que é a revolta?

Revoltar-se significa exigir clareza, ordem e unidade no meio do caos. Essa exigência do homem revoltado é constantemente frustrada pela incoerência do mundo e a injusta condição humana. (JESUS, 2010, p. 91)

A revolta ocorre pelo reconhecimento de algo que existe, acontece para tentar colocar na história algo permanente e que possuímos: a unidade entre os homens.

Não se pode vencer a morte é claro, esse é o destino trágico de todos os homens, porém podemos negar as penas de morte, guerras e torturas. Seria ilusório acreditar que é possível fazer justiça aumentando-a, já que a justiça não pode estar acima do próprio homem. O condenado à morte não pagará pelo seu crime em nome do povo, ele será morto em sua inteireza. Com a revolução, por exemplo, justifica-se a morte por um fim, porém, para Camus, nenhum fim transitório por algo que não se tem, pode ser motivo de revolta.

Quando Hitler sacrificou milhões de homens em seus campos de concentração, talvez pensasse estar atingindo apenas

judeus. Ao matar o judeu, estava levando a abstração às suas extremas consequências. Considerava apenas um aspecto, para ele desagradável, num conjunto riquíssimo de aspectos, como é o homem. É a mesma coisa feita pela morte. *Matamos o criminoso e esquecemos do homem que também vai.* [Grifos da autora] (GUIMARÃES, 1971, p.12)

O que Camus entende por Revolta e Revolução? O pobre que luta por melhor qualidade de vida ou por distribuição de riquezas, ou seja, luta pelo estabelecimento de certa igualdade de classes, é um revoltado ou um revolucionário? O homem revolta-se contra os deuses, contra a criação: ela é metafísica. A revolta se dá no absurdo e contra o absurdo, contra a cisão que existe entre homem e mundo. É o grito do desejo de unidade que tem como valor *a priori* a vida; a igualdade que se busca é o reconhecimento desse valor. Já a revolução luta por melhorias dentro da história, por um fim concreto instituído socialmente, que para ser instaurado, traz mais horror à história; em outras palavras, ela busca um valor (construído historicamente, contingente) que será atingido ao final da revolução. Assim, existe para ele uma contradição entre revolução e revolta.

Segundo ele, os existencialistas se submeteram ao historicismo e acreditam que "se verifica na revolução um progresso da revolta e que o revoltado, nada é se não for um revolucionário" (CAMUS, 1951, p.335). Ou seja, para os existencialistas existe uma progressão entre a revolta contra suas condições que leva à revolução por mudanças. Estabelecemos um ideal com construções teóricas e lutamos para enquadrar o real dentro dele. Trazemos o horror à história, para que o ideal contingente que desejamos seja conquistado ao fim da revolução.

Enquanto que para o argelino, não existe nenhum valor na história, por ela, ou a partir dela. Camus não ignora que o homem está imerso na história, porém, ela não é causa suficiente para a revolução, nem pode ser considerada fonte de algum valor. O único valor - a natureza humana - é metafísico e está acima da história. O revoltado luta pela afirmação de igualdade e unidade entre os homens que ele sabe ter direito. (CAMUS, 1951, p. 35) A unidade não será atingida nunca, a busca por ela é o esforço heroico e inútil que, como Sísifo, ergue seu rochedo sem esperanças. O homem que se revolta deve manter-se fiel a este valor, e caso engaje-se na revolução não pode esquecer este princípio. "O revolucionário é ao mesmo tempo revoltado ou

então não é mais revolucionário, convertendo-se num policial e num funcionário que se insurge contra a revolta.” (Camus, 1951, p. 335)

Mas, se Camus rejeita a contra violência – pois ao aceitar a violência o homem revoltado não teria motivos para sua revolta – como se deve buscar a unidade entre os homens? Como reivindicar historicamente a vida? Nenhuma revolução vale à pena porque é busca de um fim e o que importa é a vida agora, mas, isso não significa se abster de buscar melhores condições históricas. Isso pode ser feito, por exemplo, por meio da organização sindical.

E não será esse mesmo sindicalismo ineficaz? A resposta é simples: foi ele que, no espaço de um século, conseguiu melhorar prodigiosamente a condição operária, reduzindo o dia de trabalho de dezesseis horas para a semana de quarenta horas. (CAMUS, 1951, P. 401)

Outra forma de manifestar seu desejo de unidade e sua revolta é a criação. Na revolta o homem cria para rivalizar com os deuses. O artista não deseja fugir do mundo, mas recriá-lo com a completude e unidade que falta ao real. Cria-se a partir do real um mundo em que a unidade existe ou que, ao menos, ela seja buscada. Camus recusa a história, não o mundo, por isso a criação revoltada é a exigência da unidade *no* mundo.

Começamos a clarear a distinção entre a revolta em Camus e revolução em Sartre, o que apontaremos a seguir. Na revolta metafísica há uma beleza no homem que não se resume à história, já na revolução sartriana o homem é um existente puramente histórico. Para Sartre, o homem não tem natureza anterior à existência, por isso cria seus valores historicamente. Todo homem é livre projeção de si, que ao agir cria uma imagem de homem diante toda a humanidade. Essa projeção só existe em situação, na concretude do real, por isso, ele é responsável também por suas condições históricas e sociais. Ao assumir um valor o homem também está assumindo um ideal de sociedade pelo qual se engaja – e esse ideal pode estar acima da vida de um tirano ou ditador. Enquanto que para Camus, o revolucionário histórico é um iludido com a crença de que é possível usar o terror da violência para fazer surgir a beleza na história, assim, ao buscar seu ideal entra em contradição, pois a forma como luta apaga sua razão. Dessa forma, quando a contra

violência mata homens na revolta com o objetivo de criar a unidade entre os homens, ela mata também o seu princípio. “Para sermos fiéis à nossa fé, somos forçados a respeitar em vocês aquilo que vocês não respeitaram nos outros.” (CAMUS, 1942, p.117)

Revolução x Revolta

Para Camus a revolta é sempre metafísica, os problemas sociais são apenas um pretexto, enquanto que para Sartre, o homem só existe dentro dos limites da história, e é responsável por sua situação. Para Camus, a liberdade absoluta sartriana – que inventa seus próprios fins e com isso seus valores – conduz à possibilidade de estabelecer um fim histórico a partir do qual a vida de uma pessoa ou um grupo torna-se descartável, assim, a revolução em Sartre aceita, por exemplo, a morte de um ditador para destruir a opressão do povo. A revolução é, nesse sentido, histórica, ela aceita a contra violência para conquistar seu objetivo ideal, portanto, para Camus, ela se perde.

O que seria um ato revolucionário, naquele preciso momento, transforma-se em um assassinato. O revolucionário confundir-se-á com o homicida. Frente a frente, homem a homem, as relações ideológicas se desvanecem e os homens ficam reduzidos à sua igualdade (GUIMARÃES, 1942, p. 92)

A revolta é sempre metafísica, pelo fim da morte e da violência, exigindo que seja manifesto em toda sua plenitude um bem que já existe e é comum a todos: a vida. O revoltado não pode negar seus princípios, por isso respeita os limites pelos quais luta. Não existe nenhuma dignidade em sair do papel de vítima se for necessário com isso sacrificar minha fé, e me tornar mais um carrasco.

Camus passaria a repudiar o comunismo e qualquer violência que este pudesse gerar, enquanto que Sartre seria completamente atraído pelo comunismo e aceitaria a violência como uma possível solução a guerra e à opressão humana. A violência para Camus era injustificável. Ele enfatizava que a política deveria ter no seu centro a moralidade (JESUS, 2010, p.23)

Para Sartre, embora não exista natureza humana ou unidade entre os homens, eles se organizam com objetivos concretos como melhores condições. O grupo (*juramentado*)

“busca pela unidade prática de seus componentes em vista de um fim determinado” (SILVA, 2010, P. 234)⁶. E para que se realizem esses fins, que são sempre interesses em comum, uma ação violenta pode ser considerada um mal menor do que permanecer nas misérias atuais.

A história é feita por homens - ele age, cria valores e é capaz de superar situações concretas. O homem só existe em situação e agindo assume uma imagem ideal de homem e de sociedade; ele assume suas condições históricas e torna-se responsável por elas. “[...] a liberdade engajada, comprometida com a história humana em vista de interesses comuns é, para Sartre, a autêntica liberdade” (SILVA, 2010, p.92).

O homem é liberdade, não contém essência ou natureza definida: ele *existe, historicamente e em seus limites*. Não há ideais metafísicos que determinem seu valor, ele é o que fez de si mesmo. A existência pesa sobre os ombros do homem tornando-o responsável também por sua situação, logo, por suas condições históricas. É certo que não se escolhe nascer burguês, na Europa, no século IV, nós simplesmente somos lançados no mundo. Mas, o significado que darei à minha situação e o que farei nela, é minha responsabilidade. Em última instância, poderia fugir dela pelo suicídio; e se não o faço, sou responsável por esta situação que assumo como minha.

Conclusão

Nós vimos que ambas as personagens, Roquentin e Meursault, vivem diante da falta de sentido. Porém, Sartre coloca o homem sem natureza humana, responsável por suas ações, engajado historicamente – este homem reconhece o fracasso de sua projeção de completude, mas continua buscando o progresso histórico –, enquanto que Camus coloca um *a priori* metafísico a partir do qual se coloca limites para liberdade e pelo qual se luta – assim, o homem camusiano é um revoltado metafísico que coloca os valores transcendentais acima da situação.

Para Sartre, toda ação, como vimos com Roquentin, tem por fim último criar uma essência ou encontrar um fundamento, mas essa tentativa é condenada ao fracasso. O fracasso ontológico para Sartre não implica o fracasso histórico, e a busca por fazer o melhor na situação concreta continua mesmo

que o homem não tenha esperanças de completude. O grau de consciência de seu objetivo ideal está entrelaçado ao grau de consciência que o homem tem de si mesmo como agente livre, criador de valores, e, portanto, engajado. Assim, quanto mais clara for a consciência de seu objetivo ideal, mais distinta será também a compreensão de si como sujeito responsável diante de uma sociedade. Não existe nenhuma revolta contra o fracasso do ser, ele é inevitável; mas, se o homem é criador de valores, pode existir revolta contra sua situação concreta, de acordo com a projeção que escolheu. “A liberdade, esse terrível nome inscrito no carro das tempestades, encontra-se no princípio de todas as revoluções.” (CAMUS, 1951,p.149)

Já em Camus, todas as experiências se equivalem porque o único valor é a vida. A revolta é a exigência da assunção desse valor para instaurar a igualdade entre os homens que já existe no plano metafísico. Esse valor coloca o limite que presidirá a revolução criadora – aquela que respeita a moral metafísica e não diviniza a história. A história está assim submetida ao metafísico. “[...] não há outras razões além do homem. E é a ele que devemos salvar, se quisermos salvar a ideia que fazemos de vida” (CAMUS, 1942, p.116).

Referências

- CAMUS, Albert. Carta a um amigo alemão. In: _____.
- GUIMARAES, Carlos Eduardo. (1971). **As dimensões do homem: mundo, absurdo, revolta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1942. p. 114-118,
- ____ **O estrangeiro**. 12a ed. - Rio de Janeiro: Record, 1991.
- ____ **O mito de Sisifo: ensaio sobre o absurdo**. 2. ed. - Rio de Janeiro: Guanabara, 1985.
- ____ **O homem revoltado**. Lisboa: Livros do Brasil, 1951.
- DANTO, A. C. **As Ideias de Sartre**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- GUIMARAES, Carlos Eduardo. **As dimensões do homem: mundo, absurdo, revolta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.
- JESUS, Angela Regina Binda da Silva de. **Entre o sim e o não, o sol e a indiferença: Meursault, o herói absurdo em L'Étranger de Albert Camus**. 2010. Dissertação (Mestrado em literatura) – Programa de pós-graduação em literatura da UFES, Vitória, 2010. 122 p.

SARTRE, Jean-Paul. **A Náusea**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

___ **O Ser e o Nada**: Ensaio de Ontologia fenomenológica. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

___ Explicação de *O Estrangeiro*. In: _____. **Situações I**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1968

SILVA, F. **Ética e literatura em Sartre**. São Paulo: Unesp, 2004

SILVA, Luciano Donizetti da. **A Filosofia de Sartre entre a liberdade e a História**. São Carlos: Claraluz, 2010.

SOUZA, T. M. **Sartre e a literatura engajada: espelho crítico e consciência infeliz**. São Paulo: EDUSP, 2008.

¹ Roquentin, fracassaria ao tentar fugir da contingência ao escrever um romance. Ele encontraria apenas mais liberdade e contingência, pois é impossível negar o mundo por completo no imaginário, no processo de criação o concreto é usado como análogo ou pano de fundo; e, mesmo sem o saber, ele criaria com seu livro certa imagem de mundo no qual o leitor, ao preencher as palavras com sua liberdade, daria um sentido à obra tornando-a completa. A relação entre o leitor e o escritor é trabalhada na obra *O Que é Literatura de Sartre*, a qual não abordaremos por falta de tempo.

² Isso não resolve o problema ontológico dos conflitos das subjetividades, já que só apreendo o outro como objeto e, portanto, por mais igualitária e democrática que seja uma sociedade, o conflito entre a subjetividade permanece: “eu procurarei sempre fazer deles objetos, e eles farão o mesmo de mim. E todos falharemos” (DANTO, 1993, p. 92); porém, coloca um princípio para convivência histórica – questão que é mais relevante para Sartre.

³ Sabemos que não é possível justificar a obra do autor por sua vida, mas é interessante expor que, segundo Jesus, “[...] a descoberta da tuberculose quando Camus ainda era jovem e o horror as mortes causadas pelos conflitos ao seu redor, estão presentes em *L’etranger* através das mortes que conduzem a história. Diante do medo da doença e consciência da mortalidade, surge o amor à vida e a lucidez diante do mundo” (JESUS, 2010, p.20)

⁴ Marie então vislumbra um futuro, nutre sentimentos. Ela acha Meursault estranho, mas essa estranheza a atrai.

⁵ “Se para fugir à pergunta angustiada: “que seria então a vida?” for necessário alimentar-se, como o burro, das rosas da ilusão, de preferência resignar-se à mentira, o espírito absurdo prefere adotar sem tremer a resposta de Kierkegaard. “o desespero”.” (Camus, 1985, p. 86)

⁶ É na obra *Crítica da Razão Dialética* que Sartre tratará dessas questões, a qual não abordaremos por falta de tempo.